

Parte 1 - Memória, desafios e perspectivas
**Visibilidade mundial e referências comuns nos estudos de
comunicação e educação no espaço ibero-americano**

Richard Romancini

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROMANCINI, R. Visibilidade mundial e referências comuns nos estudos de comunicação e educação no espaço ibero-americano. In: NAGAMINI, E., and ZANIBONI, A.L., comps. *Territórios migrantes, interfaces expandidas* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2018, pp. 49-65. Comunicação e Educação series, vol. 5. ISBN: 978-65-86213-02-7. <https://doi.org/10.7476/9786586213027.0005>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Visibilidade mundial e referências comuns nos estudos de comunicação e educação no espaço ibero-americano

*Richard Romancini*¹

Introdução

Como observado em investigações anteriores, há um interesse pela interface da Comunicação e Educação em toda a região ibero-americana, que se traduz, por exemplo, na existência de linhas de pesquisa em grande parte dos países (ROMANCINI, 2014), bem como por uma trajetória histórica de pesquisa na qual a temática recebeu contínua atenção (ROMANCINI, 2016). Na discussão sobre as trajetórias, percebemos que existem certas fontes comuns, mas também desenvolvimentos, em termos de preocupações e interesses de pesquisa, em parte diferentes.

Nosso objetivo nesse trabalho é avançarmos mais no conhecimento sobre as relações entre Comunicação e Educação na região referida, porém, a partir de uma abordagem mais atual e específica em relação aos diálogos entre os investigadores e sua presença no panorama mundial. Nossa atenção se dirige, particularmente, para o universo de indicadores, a partir da análise de dados de determinado *corpus* (explicitado com mais detalhe na parte metodológica do estudo), que podem nos fornecer alguns elementos para análises a respeito dos diálogos e trocas de conhecimento entre os investigadores da região ibero-americana. É interessante,

¹ Professor da ECA-USP, e-mail: <richard.romancini@gmail.com>

antes da exposição metodológica e das análises do trabalho, discutirmos alguns aspectos teóricos que informaram o trabalho.

A globalização/internacionalização dos estudos em Comunicação

Como nota Waisbord (2016), o campo de estudos da Comunicação caracteriza-se, desde seu surgimento e ao longo do tempo, por forte fragmentação em termos de objetos e teorias. Isso se explica, em parte, por ter fronteiras amplas e porosas. Pesquisadores de diferentes áreas investigam problemáticas de Comunicação, ao mesmo tempo que diferentes especialidades internas ao campo se desenvolvem. Acreditamos que esse é justamente o caso dos estudos da interface Comunicação/Educação.

Por outro lado, as tendências centrípetas, de dispersão, têm sido confrontadas, em certa medida, por uma força social contrária: a globalização.

Aqui a globalização é entendida como um processo no qual os estudiosos e os programas acadêmicos ao redor do mundo tornam-se cada vez mais interconectados. A consolidação de redes institucionais de associações profissionais, conferências, projetos de pesquisa, revistas científicas e livros conecta o conhecimento em comunicação atravessando fronteiras geográficas² (WAISBORD, 2016, p. 869, tradução nossa).

Nessa perspectiva, seguindo Cunha (2013), outros vetores importantes da globalização, como as migrações humanas e as migrações midiáticas, também influenciam a estrutura do campo científico. Migrações de pesquisadores e fluxos mundiais de conteúdo são, assim, aspectos que podem dar forma a um espaço científico global para os estudos em Comunicação – principalmente, no caso dos conteúdos, tendo em vista que sua ampla circulação dá oportunidade à constituição de *objetos de estudo mundiais*³.

2 No original: “Here globalization is understood as a process by which scholars and academic programs around the world become increasingly interconnected. The consolidation of international institutional networks of professional associations, conferences, research projects, journals, and books links communication scholarship across geographical borders”.

3 A comunicação também é parte e parcela do processo de globalização da ciência, devido

A partir de uma perspectiva otimista, como observa Waisbord (2016), a globalização das ciências, em geral, e das Ciências em Comunicação, em particular, é saudada como possibilidade para efetivar o amplo fórum que daria concretude à universalidade do conhecimento científico, postulada por sociólogos como Merton (1970). Entretanto, há também um ponto de vista negativo sobre a questão. Alguns argumentam que a lógica da globalização, inclusive na ciência, favorece os países dominantes, e que a cultura acadêmica desses países (particularmente os Estados Unidos) tende a prevalecer em todos os lugares, o que levaria à adoção de teorias, metodologias e formas de validação do conhecimento provenientes do Norte hegemônico.

Outro risco é apontado por Livingstone (2007), que, embora observe aspectos positivos de uma perspectiva internacional, nota a possibilidade de que isso possa enfraquecer o vínculo entre a pesquisa e o contexto específico que lhe dá sentido. Esse aspecto é, como notam os analistas da questão, particularmente importante no caso das Ciências Sociais e Humanas, inclusive do ponto de vista linguístico (cf. ORTIZ, 2008).

Como Waisbord (2016) argumenta, a realidade é complexa e nuancada, e nenhuma das duas perspectivas anteriores, otimistas ou pessimistas, consolida-se plenamente, de modo que o impacto da globalização não pode ser percebido como um dado *a priori*. As dinâmicas da globalização devem, por isso, para o autor, ser apreendidas dentro de contextos específicos de produção de conhecimento (WAISBORD, 2016). Cunha (2013), em avaliação similar, nota o caráter “contraditório” dos fatores que promovem a globalização do conhecimento.

Alguns estudiosos, como Thussu (2009), reconhecem o ímpeto da globalização, com a contínua interconexão dos países a partir de diferentes dimensões (relações comerciais, constituição de sistemas educativos regionais ou mundiais, por exemplo), mas defendem que é mais adequado pensar numa “internacionalização” dos estudos da área, tendo em vista que os contextos dos estados nacionais ainda são relevantes. Além disso, conforme

ao fato de que, talvez, a maior mudança, em séculos, no modo de produção e circulação do conhecimento tenha se dado a partir da adoção social ampla de tecnologias digitais, nas sociedades. “Se até aos anos noventa do século passado as aulas, seminários, conferências e, posteriormente, os livros e artigos eram os grandes veículos de divulgação, a partir de então, o sistema de disseminação alterou-se profundamente” (CUNHA, 2013, p. 153). A dimensão negativa do fenômeno é o crescimento do “marketing” acadêmico, bem como das preocupações com avaliações estritamente quantitativas da investigação científica.

discute o autor, seria uma maneira de evitar que a “globalização” do campo fosse entendida como sinônimo de “angloglobalização” (THUSSU, 2009). A internacionalização da investigação, demandada pela própria globalização dos sistemas de comunicação, poderia, talvez, possibilitar a ampliação de vozes e a des-ocidentalização dos estudos da área, a partir das transformações nas noções de lugar, tempo e espaço que se verificam no mundo atual.

Nessa perspectiva também se enquadram as discussões sobre a viabilidade da constituição de um espaço ibero-americano de circulação, discussão e construção do conhecimento científico, particularmente nas Ciências da Comunicação. Essa abordagem pode ter maior ou menos ênfase em torno da constituição de um espaço *autônomo* de pensamento contra-hegemônico – por exemplo, na discussão de Serra (2015/2016, p. 44), postula-se que o desafio é “descolonizar nuestro ámbito científico regional”. Isto é, como no debate da internacionalização de Thussu (2009), há a ideia de que as forças que impulsionam a globalização também podem favorecer uma reflexão que seja ao mesmo tempo de alcance global, mas de caráter contextual e até mesmo regional nos estudos comunicacionais. Isso envolve, naturalmente, os diálogos entre os cientistas a partir tanto dos níveis individual quanto dos países ou políticas científicas. Num plano intermediário, existe uma série de instâncias, como as diferentes instituições científicas, nas quais os pesquisadores trabalham ou participam, que concretizam as ideias da internacionalização.

Talvez possamos dizer que, no campo da Comunicação, a constituição de associações que congregam os pesquisadores ou instituições seja um progresso na direção do enfrentamento da problemática da produção do conhecimento local hoje. Podem ser mencionadas, nesse sentido, a Associação Ibero-americana de Comunicação (ASSIBERCOM), criada em 1998, consolidando um movimento ibero-americano de pesquisadores anterior, e a Confederação Ibero-americana de Associações Científicas e Acadêmicas da Comunicação (CONFIBERCOM), que realizou o “I Congresso Mundial de Comunicação Ibero-americana”, em 2011, entre outras. No entanto, a existência de um espaço institucional comum não necessariamente se relaciona à existência de um espaço cognitivo compartilhado, nem de uma agenda coletiva de investigação, embora possa favorecer essas dimensões. Na verdade, a maior convergência cognitiva decorre das preocupações de conhecimento similares, bem como trocas e diálogos realizados pelos pesquisadores em termos de abordagens teóricas, metodológicas e, em função disso, também de bibliografias.

Nessa perspectiva, certas investigações, como a de Serra Caballero (2016), com um título já provocativo – “O (des)conhecimento recíproco dos investigadores ibero-americanos de Ciências da Comunicação” –, mostram que existe a necessidade de ampliação e fortalecimento do reconhecimento entre os pesquisadores do contexto ibero-americano. Prova disso é a discussão de dados de artigos de revista da região que demonstram a validade da premissa inicial do autor de que “os falantes de português e espanhol se citam pouco entre si e citam, sobretudo, cientistas de língua inglesa (ingleses e estadunidenses)” (SERRA, 2015/2016, p. 59).

Esse trabalho refere-se ao campo da Comunicação de maneira geral, em razão de suas preocupações e plano amostral. Porém, qual seria a situação na área dos estudos em Comunicação e Educação? Para responder essa pergunta, além de outras questões de pesquisa associadas, foi elaborado um conjunto de procedimentos metodológicos descritos a seguir.

Procedimentos metodológicos

Precisamos notar, já observando certa limitação do estudo, que provavelmente uma estratégia amostral que contemplasse a análise de artigos sobre a temática da “Comunicação e Educação” em revistas ibero-americanas (ou mundiais) das Ciências da Comunicação poderia ser mais adequada, propiciando até uma comparação mais direta com os dados de Serra (2015/2016)⁴. Porém, por razões em parte práticas e em parte conceituais (sendo a discussão sobre a importância dos espaços institucionais uma das faces dessa dimensão), decidimos analisar um grupo de trabalhos apresentados em congressos científicos, tanto de nível mundial, nesse caso o da International Association for Media and Communication (IAMCR), quanto de dois eventos dirigidos a pesquisadores ibero-americanos – os congressos promovidos pela Associação Ibero-americana de Investigadores da Comunicação (ASSIBERCOM) e pela Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (CONFIBERCOM).

4 Uma estratégia de análise de artigos de revistas é também utilizada por Rosado, Ferreira e Carvalho (2017), no caso, preocupados em analisar os estudos que abordam a temática “tecnologia e educação”.

No primeiro caso, a partir da análise de dados de autoria dos congressos realizados pela IAMCR nos últimos cinco anos – de 2013 a 2017 –, poderemos perceber, nessa dimensão, o “lugar” que a pesquisa ibero-americana sobre a temática ocupa no mundo, bem como ter alguns indícios do diálogo entre os pesquisadores da região. Verificamos, nesse sentido, características dos trabalhos da Seção *Media Education Research* abrigada por essa associação internacional.

A seguir, analisamos dados de autoria e de referências de trabalhos apresentados em dois Congressos da IBERCOM (o de 2013 e o de 2015), de sua Divisão Temática de *Educomunicação*, e um da CONFIBERCOM (de 2014), da Seção Temática de *Comunicação e Educação*. Nesse caso, chegamos a uma amostra de 101 artigos, que nos permitem, analisando suas referências, realizar algumas análises e observações sobre como tem se dado o conhecimento interno da produção dos pesquisadores de Comunicação e Educação da região ibero-americana.

A dimensão mais prática da escolha desse tipo de material para o estudo, referida antes, explica-se pelo fato de que esses congressos, por possuírem espaços de debate voltados diretamente à “Comunicação e Educação”, favorecem a identificação do trabalho. Aliás, em termos práticos, trabalhamos com dados que estavam on-line na época da coleta para esse trabalho. Por outro lado, a questão conceitual remete também a como entender um trabalho como aderente ao subcampo dos estudos em Comunicação e Educação. Como se sabe, é possível que trabalhos que envolvem dimensões educativas sejam feitos a partir de um amplo conjunto de temas comunicativos (sobre o ensino, inclusive nas profissões da área, práticas, teorias, etc.) – no entanto, todos eles representam um trabalho em “Comunicação e Educação” (ou Educomunicação)?

Caso o estudo tivesse optado (o que poderá ser feito em outro momento) pela composição de uma amostra de artigos, essa questão deveria ser confrontada, discutida, de modo a que a tomada de decisão fosse reflexiva. No entanto, não é esse o caso, já que os artigos submetidos a congresso possuem uma espécie de “autodeclaração” de pertencimento ao subcampo de estudos. Assim, temos a representação do que os próprios pesquisadores tendem a entender como atinente à subárea de investigação.

Inicialmente, vamos expor os dados da IAMCR e depois os dos congressos ibero-americanos e, nesse caso, poderemos elaborar comparações com o trabalho de Serra (2015/2016). Porém, o enquadramento teórico mais geral é o exposto: o contexto de internacionalização/globalização da ciência

e como ele tem transparecido no trabalho de investigação da Comunicação e Educação feita pelos pesquisadores da região ibero-americana.

Análises

O plano mundial

Como a Tabela 1, mostra, de 2013 a 2017, o Congresso da IAMCR foi realizado em cinco diferentes cidades do mundo, duas vezes na Europa (Dublin e Leicester), uma na América do Norte (Montreal), uma na Índia (Hyderabad) e, no caso do último evento, na América do Sul (Cartagena das Índias). Nesses cinco anos, a Seção *Media Education Research* da entidade teve a apresentação de 199 trabalhos de autores de todo o mundo. E podemos observar um número relativamente expressivo de trabalhos de autores da região ibero-americana: 68, representando 34,2% do total. Ainda que se note que o número desproporcional de investigadores colombianos que estão no congresso de Cartagena pode distorcer a avaliação, vale notar que mesmo sem nenhum deles, o número percentual ainda seria grande: 32,7%. Ou seja, aparentemente, os pesquisadores ibero-americanos têm se colocado nessa arena internacional de discussão da pesquisa de Comunicação e Educação, com certo destaque quantitativo, principalmente quando se sabe que o percentual do PIB mundial da região ibero-americana é de cerca de 10%⁵.

⁵ Conforme as estatísticas do Banco Mundial para o ano de 2016, ver: <<https://goo.gl/F3Fbfw>>.

TABELA 1 – Trabalhos da Seção Media Education Research da IAMCR, por país

	2013 Dublin	2014 Hyderabad	2015 Montreal	2016 Leicester	2017 Cartagena	Total	
						N	%
Espanha	2	3	1	4	2	12	6,0
Portugal	5	-	1	4	1	11	5,5
Colômbia	-	-	-	1	19	20	10,1
Brasil	6	2	4	1	5	18	9,0
México	-	-	1	1	2	4	2,0
Chile	1	-	1	-	-	2	1,0
Venezuela	-	-	-	-	1	1	0,5
Subtotal Região Ibero-americana						68	34,2
EUA	3	3	6	2	8	22	22
Canadá	7	1	4	2	1	15	15
Alemanha	5	-	2	2	2	11	11
Finlândia	1	2	2	3	2	10	10
França	4	1	1	-	-	6	6
Bélgica	1	2	1	1	-	5	5
Reino Unido	1	-	3	-	1	5	5
Turquia	1	-	1	2	1	5	5
Países Baixos	2	1	-	-	-	3	3
Rússia	1	-	-	1	-	2	2
Irlanda	2	-	-	-	-	2	2
Noruega	-	-	1	1	-	2	2
Suécia	-	1	-	1	-	2	2
Áustria	1	-	-	-	-	1	1
Bulgária	-	-	-	-	1	1	1
Hungria	-	-	1	-	-	1	1
Itália	1	-	-	-	-	1	1
Índia	-	5	1	3	3	12	12
Taiwan	2	-	1	1	1	5	5
Hong Kong	1	1	-	1	-	3	3
Filipinas	2	-	-	-	-	2	2
Bangladesh	-	-	-	1	-	1	1
Coreia	-	-	1	-	-	1	1
Japão	-	1	-	-	-	1	1
Paquistão	-	-	-	-	1	1	1
Tailândia	-	-	-	1	-	1	1
Indonésia	-	1	-	-	-	1	1
Austrália	-	1	1	-	-	2	2

Gana	1	-	-	1	-	2	2
África do Sul	-	1	-	-	-	1	1
Nigéria	-	1	-	-	-	1	1
Quênia	-	-	-	1	-	1	1
Irã	-	1	-	-	-	1	1
Israel	-	-	-	1	-	1	1
Total	50	28	34	36	51	199	100,0

Fonte: Elaboração do autor

Talvez essa participação significativa esteja relacionada com certas dimensões da globalização e da internacionalização da pesquisa. Porém, a pesquisa ibero-americana é percebida como tendo identidade comum, no plano mundial? Uma resposta mais firme a esse questionamento complexo deveria abarcar várias dimensões analíticas, qualitativas principalmente, como avaliações de pesquisadores internacionais, além dos próprios investigadores da região. Entretanto, um modo de tentarmos captar certa possibilidade de identidade comum é analisarmos os dados de coautoria no *corpus* em questão. Isso é porque, para haver a coautoria, deve existir certa partilha de saberes, bem como o diálogo inerente ao trabalho coletivo. A Tabela 2, apresenta os dados sobre a coautoria nos trabalhos de pesquisadores ibero-americanos na IAMCR, nos anos em análise.

TABELA 2 – Tipo de autoria dos trabalhos de investigadores ibero-americanos na IAMCR

Uniautorial	Com coautoria		
	Autores da mesma instituição ou país	Autores de países diferentes da região ibero-americana	Autores de países diferentes fora da região ibero-americana
36	30	1	1
53%	44%	1,5%	1,5%

Fonte: Elaboração do autor

Percebe-se que os trabalhos com autoria única são ligeira maioria, somando 36 (o que equivale a 53% do total), por outro lado, 30 (44%) são em coautoria, mas somente com autores do mesmo país ou instituição, enquanto apenas em um caso ocorre que uma pesquisadora brasileira realizou trabalho com um espanhol⁶ e, em outra exceção, autores portugueses apresentaram artigo com investigadora dos Estados Unidos⁷.

Ainda que esse seja um indicador imperfeito do grau de reconhecimento interno entre os investigadores em Comunicação e Educação ibero-americanos, parece que há, sim, um caminho a percorrer em termos do aprofundamento da *internacionalização*, de uma possível perspectiva ibero-americana nos estudos do campo. Para que isso possa ocorrer, é necessário que existam perspectivas comuns que se consolidem em projetos de pesquisa e publicações coletivas de pesquisadores de países diferentes da região. Por outro lado, é notável que a cultura do trabalho em grupo tem crescido, pois quase a metade dos trabalhos foi feita em coautoria, o que, numa leitura otimista, pode ser um ensaio para colaborações e diálogos internacionais na região num futuro próximo.

O tópico a seguir irá explorar a dimensão do intercâmbio de conhecimento, por meio das referências bibliográficas utilizadas pelos pesquisadores.

O plano ibero-americano

Como se disse, a criação de institucionais inter-regionais que favorecem os encontros entre os pesquisadores da região pode contribuir para o diálogo entre eles e para a construção de uma perspectiva ibero-americana de investigação. Nesse sentido, é interessante observarmos os dados da Tabela

6 Caso do trabalho “Mediación Pedagógica y Cultura Participativa: la perspectiva colaborativa de innovación tecnológica en Universidades de América Latina”, de Daniela Favaro Garrossini (Universidade de Brasília) e de Francisco Sierra Caballero (Universidade de Sevilla), da IAMCR 2007.

7 No caso, o artigo “Game-learning and media literacy - a research methodology review”, das pesquisadoras portuguesas Sara Henriques, Conceição Costa e Carla Sousa (todas do Centro de Investigação em Comunicações Aplicadas e Novas Tecnologias da Universidade Lusófona - CICANT/ULHT) e da estadunidense Kathleen Tyner (Universidade do Texas), apresentado na IAMCR 2016.

3, reunindo informações sobre três eventos realizados entre os anos de 2013 e 2015, e notarmos, em primeiro lugar, como a dinâmica econômica da globalização afeta os processos científicos.

TABELA 3 – Trabalhos dos eventos IBERCOM e CONFIBERCOM sobre Comunicação e Educação, por país

	Brasil	México	Colômbia	Argentina	Portugal	Espanha	Total
IBERCOM, 2013, Santiago de Compostela	11	2	-	-	2	8	23
CONFIBERCOM, 2014, Braga	23	1	2	2	8	1	37
IBERCOM, 2015, São Paulo	4 ⁰	1	-	-	-	-	4 ¹
Total	74	4	2	2	10	9	101

Fonte: Elaboração do autor

É só a partir da perspectiva indicada que é possível entender plenamente a disparidade de números de trabalhos apresentados por autores brasileiros e dos outros países da região (embora, em parte, isso também signifique o interesse sobre a temática no país). Economicamente mais frágeis do que os países mais avançados do capitalismo, os países da região ibero-americana sofrem com os efeitos de problemas econômicos estruturais que o mundo enfrentou (a crise financeira global), e isso afeta a mobilidade dos pesquisadores.

Talvez seja possível notar, ainda, que tais encontros ainda estejam em processo de maior consolidação e reconhecimento, como esferas de debate importantes, na sub-região. De qualquer modo, os dados desses eventos também nos dão indicadores sobre a colaboração dos pesquisadores entre si, o que é mostrado na Tabela 4, na sequência.

TABELA 4 – Tipo de autoria dos trabalhos de investigadores ibero-americanos

em eventos ibero-americanos

Uniautorial	Com coautoria	
	Autores da mesma instituição ou país	Autores de diferentes países da região ibero-americana
55	42	4
54,4%	41,6%	4,0%

Fonte: Elaboração do autor

É possível perceber um panorama de autorias, nos trabalhos apresentados nos eventos selecionados, relativamente parecido com o que foi visto no caso da IAMCR, ou seja, há um número significativo de trabalhos coletivos, são 46, no total, contra 55 individuais. Porém, novamente, as parcerias se dão principalmente entre pesquisadores do mesmo país e instituição. Quando se dá a parceria entre países, ela acontece, no caso estudado, envolvendo três trabalhos com pesquisadores do Brasil e Portugal⁸ – na verdade, são situações de brasileiros que realizam estudos e doutorado em universidade de Portugal – e uma argentina e um brasileiro⁹. Com efeito, a mobilidade dos brasileiros, e de pesquisadores de outros países da sub-região, poderá favorecer práticas de pesquisa coletiva, tanto durante eventuais trajetórias de formação quanto em projetos de pesquisa comuns. Dado que a mobilidade é favorecida pela proximidade, é razoável sugerir

8 São os trabalhos “Quando um jornal escolar torna-se o jornal da cidade”, de Cristiane Parente de Sá Barreto (Universidade do Minho), Antonia Alves Pereira (Universidade Federal de Mato Grosso) e Helena Corazza (Universidade de São Paulo), “Educomunicação na educação básica: dos projetos ao protagonismo juvenil”, de Ismar de Oliveira Soares (Universidade de São Paulo), Antonia Alves Pereira (Universidade Federal de Mato Grosso) e Cristiane Parente de Sá Barreto (Universidade do Minho) e “Importância das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) para o ensino e aprendizagem: perspectiva da área de ciências exatas”, de Gilvanice Carneiro Pedreira (Universidade Traz-os-Montes e Alto Douro) e de Maria da Conceição Nogueira Correia (Universidade Salvador), todos apresentados no CONFIBERCOM 2014.

9 Artigo “Educação para as redes sociais: a interação nas comunidades virtuais”, de Rosani Trindade (Universidade Nacional de Tres de Febrero) e Luiz Ricardo Goulart Hüttner (Universidade Federal de Pelotas), apresentado no CONFIBERCOM 2014.

que políticas científicas das instituições brasileiras mais próximas de países como Argentina, Uruguai e outros, estimulem a colaboração e, portanto, o desenvolvimento de uma internacionalização da ciência brasileira, a partir de uma perspectiva ibero-americana.

Como se percebe, entretanto, os dados institucionais podem ser um tanto enganosos, como também é o caso de uma brasileira que tinha vínculo com uma universidade espanhola e que realizou trabalho, comparando a realidade do Brasil, Portugal e da Espanha, em relação à educação midiática com autor desse último país¹⁰. Por outro lado, é certo que os trabalhos desse tipo (estudos comparados entre os países da região) são muito pouco numerosos. Sendo assim, é possível apontar esse tipo de trabalho como outra possibilidade para fomentar os diálogos entre os pesquisadores da região ibero-americana.

O universo de referências

Uma vez que os dados das referências dos artigos dos eventos estudados são agrupados, é possível perceber de onde provém a literatura que dá apoio à construção de conhecimento em Comunicação e Educação, por parte de pesquisadores ibero-americanos, principalmente com relação a eventos regionais nos últimos anos voltados aos investigadores desse âmbito. Por outro lado, o cruzamento indica prováveis diálogos entre pesquisadores da região ibero-americana, a partir das apropriações bibliográficas que realizam. O resultado desse exercício é mostrado na Tabela 5.

¹⁰ Caso do artigo “Políticas e indicadores de educação midiática no contexto Ibero-americano: Brasil, Portugal e Espanha”, da brasileira Mônica Pegurer Caprino (Universidad Autónoma de Barcelona) e do espanhol Juan Francisco Martinez Cerdà (Universitat Oberta de Catalunya), apresentado no CONFIBERCOM 2014.

TABELA 5 – Referências dos trabalhos de investigadores ibero-americanos em eventos ibero-americanos

Autores	Brasil-Ref		Portugal-Ref		Espanha-Ref		Outros-AL-Ref		EUA-Ref		Europa-Ref		Outros-Ref		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Brasil	657	60,1	21	1,9	38	3,5	57	5,2	97	8,9	186	17,0	36	3,3	1092	100,0
Portugal	19	15,3	31	25,0	23	18,5	1	0,8	34	27,4	15	12,1	1	0,8	124	100,0
Espanha	5	4,4	2	1,8	68	60,7	2	1,8	15	13,4	14	12,5	6	5,4	112	100,0
México	1	2,6	-	-	10	25,6	19	48,7	5	12,8	4	10,2	-	-	39	100,0
Colômbia	2	8,7	-	-	1	4,3	14	60,9	2	8,7	4	17,4	-	-	23	100,0
Argentina	8	36,4	-	-	3	13,6	4	18,2	2	9,1	4	18,2	1	4,5	22	100,0
Total	692	49,0	54	3,8	143	10,1	97	6,9	155	11,0	227	16,1	44	3,1	1412	100,0

Fonte: Elaboração do autor

Uma comparação inicial interessante desses dados é com os resultados de Serra (2016, p. 65), que, numa análise das revistas científicas do Brasil, de Portugal e da Espanha, indica que os “três países têm em comum o facto de o maior número de referências (à volta de 60%) se reportar a autores não falantes da língua nacional, isto é, a autores de língua inglesa”. Embora, de fato, a literatura de língua inglesa tenha relevância também nos dados de eventos aqui mostrados, chama atenção o grande número de referências de trabalhos de brasileiros, no próprio país (60,1%), mesmo caso da Espanha (60,7%). A diferença pode levar a crer, por um lado, que a “qualificação” dos trabalhos científicos na área da Comunicação parece implicar maior uso da literatura internacional – pensando que os trabalhos de eventos são estudos em muitos casos em desenvolvimento, por vezes de etapas de formação do pesquisador (mestrado ou doutorado), enquanto as revistas tendem a possuir processos de revisão e aceite mais rigorosos, enfatizando, por exemplo, a originalidade ou inovação do trabalho. Por outro lado, talvez a questão do possível monolinguismo de parte dos pesquisadores seja algo que ajude a explicar a “suficiência” da literatura local e de países de mesmo idioma.

Mais importante, no contexto dessa pesquisa, é notar o número relativamente baixo de referências que são feitas por autores de determinados países a trabalhos de outros autores da região ibero-americana – no caso da Espanha são 8,0%, e no do Brasil, 10,6%; a situação de Portugal, porém,

revela maior abertura (34,6%), principalmente para o uso da literatura de brasileiros (15,3%). É claro que a quantidade não representa necessariamente a qualidade do aporte mútuo e dos diálogos, e esse é um ponto que ressaltaremos nas conclusões do trabalho.

Conclusões

Pode-se dizer, a partir dos dados mostrados nesse artigo, que os pesquisadores ibero-americanos que se dedicam à Comunicação e Educação têm conseguido, em certa medida, fazer circular seu trabalho em âmbito global. As limitações de estudo não permitem dizer se eles estão obtendo, em nível mais elevado, reconhecimento (impacto, influência, etc.), com relação às suas pesquisas. Se eles conseguem transmitir a ideia de uma perspectiva *internacional ibero-americana*, foi um aspecto que indiretamente tentamos avaliar.

Assim, tentamos perceber se o número de colaborações na produção científica possui expressão. E, pelo menos para os casos de trabalhos apresentados em eventos, vimos que isso não acontece. Há um largo espaço para o crescimento dos trabalhos coletivos entre investigadores da região.

Além disso, investigamos os possíveis diálogos entre os pesquisadores da área que as incorporações bibliográficas em trabalhos de congressos ibero-americanos pudessem indicar. Nesse caso, os números frios não mostram uma situação que pareça indicar uma forte identidade e perspectiva comum, no grupo de pesquisadores ibero-americanos da Comunicação e Educação. Porém, as limitações do estudo devem ser notadas, nessa abordagem quantitativa. Sendo assim, aprofundamentos dessa hipótese poderão ser levados a cabo em outras análises, desde as bibliométricas até os estudos qualitativos de trabalhos e informações/discussões com os próprios pesquisadores da região.

Referências

CUNHA, I. F. A globalização da investigação em Ciências Sociais: o caso dos estudos de Comunicação no espaço ibero-americano e lusófono. **MATRIZES**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 149-165, jan./jun. 2013.

LIVINGSTONE, S. Internationalizing Media and Communication studies: reflections on the International Communication Association. **Global Media and Communication**, London, v. 3, n. 3, p. 273-288, 2007.

MERTON, R. K. A ciência e a estrutura social democrática. In: _____. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970. p. 651-662.

ORTIZ, R. **A diversidade dos sotaques: o inglês e as Ciências Sociais**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ROMANCINI, R. Comunicação e Educação: as distintas trajetórias no espaço ibero-americano. In: NAGAMINI, E. (Org.). **Questões teóricas e formação profissional em Comunicação e Educação**. Ilhéus: Editus, 2016. p. 25-42.

_____. Os Estudos em Comunicação e Educação no espaço ibero-americano: panorama da pós-graduação. **Cuadernos.info**, [s.l.], n. 35, p. 103-117, 2014.

ROSADO, L. A. da S.; FERREIRA, G. M. dos S.; CARVALHO, J. de S. Educação e tecnologia na literatura acadêmica on-line em português. In: FERREIRA, G. M. dos S.; ROSADO, L. A. da S.; CARVALHO, J. de S. **Educação e tecnologia: abordagens críticas**. Rio de Janeiro: SESES, 2017. p. 208-253.

SERRA, P. O (des)conhecimento recíproco dos investigadores ibero-americanos de Ciências da Comunicação. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, [s.l.], v. 3, n. 2, p. 57-68, 2015/2016.

SIERRA CABALLERO, F. Hacia una epistemología del Sur: comunicología latina y agenda de investigación. In: KUNSCH, M. M. K. (Org.). **La Comunicación en Iberoamérica: políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento**. Quito: Ciespal/Confibercom, 2013. p. 25-46.

THUSSU, D. K. Why internationalize media studies and how? In: _____ (Ed.). **Internationalizing media studies**. Abingdon: Routledge, 2009. p. 13-31.

WAISBORD, S. Communication studies without frontiers? Translation and cosmopolitanism across academic cultures. **International Journal of Communication**, Califórnia, v. 10, p. 868–886, 2016.